

## ARTE IDENTIDADE E LITERATURA NEGRA

Maria Cilene Lucas Vieira <sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

Em meio aos estudos do “Respeitar é preciso”, documento lançado pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME/PMSP) em parceria com a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo (SMDHCSP), as intervenções no cotidiano percebem que:

A escola da Educação Básica tem como função a educação de crianças e adolescentes, o que vai além de garantir a aprendizagem de conteúdos curriculares, pois inclui valores e atitudes. Uma das mais importantes funções do educador é investir em conhecimentos e na formação de valores, paralelamente às disciplinas exigidas para a formação acadêmica, elegendo conteúdos ou situações didáticas que exemplifiquem e possibilitem o debate sobre opressão e violência. (Respeitar é Preciso, 2015)

Por vezes, em meio às vivências experienciadas dentro da escola, observamos em alguns momentos, passagens que demandam de uma maior interação dos educadores para que as pessoas que usufruem dos espaços – dentro/fora – da escola se respeitem mutuamente, valorizando uns aos outros como seres humanos. Foram diversas passagens ao longo do meu trabalho com a Educação Infantil envolvendo as crianças pequenas que me chamaram uma enorme atenção: os modos de tratamento com o uso de vocábulos depreciativos por vezes entre elas e o sentimento também por vezes da recusa das próprias crianças negras ao pertencimento à etnia em questão e ou a dificuldade de socialização devido aos acometimentos implícitos e explícitos sofridos por elas na escola. Em uma dessas vivências marcantes, por exemplo, tratou-se de uma criança de CEI (3 anos) de pele branca que ao se dirigir a uma coleguinha negra da mesma turma, tratava-a de modo pejorativo conotando-a por meio de um vocábulo figurado e interpretativo para determinado animal. Outra experiência também marcante com relação à representatividade da imagem da pessoa negra dentro da escola – dentre tantas outras – se passou numa EMEI onde trabalhei em 2016 com uma turminha de 5º estágio, a que para minha surpresa, ao disponibilizar os bonecos negros e brancos no momento da brincadeira, nenhuma das crianças quisera aceitar os bonecos negros, nem mesmo as crianças negras/descendentes. Diante das diversas vivências observadas com esta temática no contexto escolar infantil, a “Arte Identidade e Literatura Negra” se apresentam como linguagens possíveis para discussão, representação e implementação de um currículo federativo – Lei 10.639/03 – em que estabelece que as diretrizes e bases da educação nacional por meio da Arte, da Literatura e da História possibilitem a presença da cultura Africana e Afro-brasileira nos projetos pedagógicos da escola. A seguir mostraremos um pouco de como retratamos as pessoas negras e os que descendem delas neste trabalho que já percorre ao longo de 6 anos utilizando a arte e as seguintes obras literárias: Meninas Negras; Escola de Chuva; O Cabelo de Lelê; Amora; Cinderela e Chico Rei; Menina Bonita do Laço de Fita; A Princesa e a Ervilha; O Mundo no Black Power de Tayó; Bruna e a galinha D’angola.

---

<sup>1</sup> Professora de Educação Básica da Prefeitura Municipal de São Paulo. Graduada em Letras pela UNIBAN; Artes Visuais pela UNIMES; Pedagogia pela UNINOVE. Pós Graduada Lato Sensu em Ética, Valores e Cidadania na Escola pela USP; em Gramática e Texto da Língua Portuguesa pela UNINOVE e em Tradução Inglês/Português pela ANHANGUERA. [cilene.educadora@gmail.com](mailto:cilene.educadora@gmail.com) [cileneteacher.blogspot.com](http://cileneteacher.blogspot.com)

## METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia elencada para o trabalho utilizou a literatura documental da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME/PMSP) que em parceria com a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo (SMDHCSP) propõe ações interventivas no dia-a-dia da escola objetivando o combate a toda e qualquer forma de discriminação e violência à pessoa humana abolindo o sentimento de exclusão no convívio sócio-escolar.

Outro caminho de pesquisa percorrido em meio à documentação federal da Lei 10.639/03 na qual estabelece que as diretrizes curriculares das bases educacionais do Brasil abordem nos currículos nas disciplinas da Arte, da Literatura e da História a presença e representatividade da cultura Africana e Afro-brasileira nos projetos pedagógicos das escolas.

O trabalho com as artes identidade e literaturas negras já trabalhadas na escola com as crianças pequenas da Educação Infantil perpassara por métodos diversos utilizados e apresentados no cotidiano pedagógico por meio das rodas de leitura, rodas de conversa/debate, exposição de vídeos e imagens, técnicas praticadas com o desenho, a pintura, a colagem e bricolagem, a moldagem e modelagem, o corte e recorte de papeis e tecidos, palestras educativas, oficinas temáticas, produção degustativa, análise comparativa de texturas/dimensões e exibição apreciativa com mostra dos trabalhos produzidos.

O material utilizado nas três telas (Dandara, Mariana e Luanda – personagens negras da autora Madu Costa) arte identidade pós debate com a literatura “Meninas Negras”, por exemplo, decorreu com o recurso do kraft, giz de cera, canetinhas, guache, chocolate, borra de café, dreads/lã, feijão vermelho e cola branca. Com aproximadamente um metro a um metro e meio de altura cada tela, as obras se encontram em exposição logo na entrada da escola no CEU EMEI Jorge Amado no bairro de Perus-SP. Telas com a personagem Luanda desta mesma literatura foram produzidas na Jornada Pedagógica da Educação Infantil 2019 no CEU Parque Anhanguera com recursos materiais em chocolate, sementes de girassol, fuxico de tecido, tinta guache, canetinha e giz de cera. Na arte identidade pós-obra literária “Escola de Chuva” de James Rumford, também com aproximadamente um metro e meio de altura, o material utilizado na tela a que retratara a professora do menino Kelo e das outras crianças na obra (ela não tem nome na história) fora o kraft, giz de cera, guache, feijão preto e cola branca. Tela arte exposta no CEU EMEI Parque Anhanguera, SP. Nesta mesma escola, também representamos a personagem principal da obra “Amora” de Maria Cilene Lucas Vieira com uma arte identidade dimensionada entre um a um e meio metro utilizando materiais em kraft, giz de cera, canetinhas, macarrão parafuso colorido com guache e cola branca. Na oficina que intitulamos de “Nossos Cabelos Lelê” inspirada na literatura “O Cabelo de Lelê” de Valéria Belém, fizemos várias artes identidade com a representatividade de pessoas com os cabelos nas mais diversas modalidades na qual foram moldados em papelão e as crianças e seus familiares coloriram-nos com guache, adornaram os cabelos com o uso de feijão preto, barbante colorido com guache e cola branca. Essa oficina foi desenvolvida no CEU Perus e CEI Homero com as crianças e no CEU Anhanguera com os educadores na Reunião Pedagógica. No leituraço da EMEF Remo Rinaldi Nadeo – Bairro Santa Fé, SP – com o livro “Cinderela e Chico Rei” de Christina Agostinho e Ronaldo Simões, fizemos uma arte identidade com aproximadamente um metro e meio utilizando o kraft e o giz de cera. Com a literatura “A Princesa e a Ervilha” de Rachel Isadora também na EMEF Remo Rinaldi Nadeo, fizemos uma oficina com as crianças e familiares confeccionando lindos príncipes e princesas negras moldados em papelão, tintas guache, retalhos de tecidos, lã, crepom, espiral, cola branca e cola quente. No “Mundo no Black Power de Tayó” de Kiussan de Oliveira, fizemos no CEI Vereador Homero Domingues da

Silva – Jardim Britânia, SP – uma arte em 3D com aproximadamente 80 cm de altura com os recursos do papelão, tintas guache e cola quente. A arte com a literatura Bruna e a Galinha d’Angola de Gercilga d’Almeida foi produzida no CEI Vereador Homero Domingues da Silva em argila.

## DESENVOLVIMENTO

Após a identificação da situação problema – respeito e tratamento nas relações entre as crianças na escola – percorremos os conhecimentos perpassados nos documentos tratativos à temática abordada com a Lei Federal 10.639/03 e o Respeitar é Preciso do Município de São Paulo. Pesquisamos também as estantes das bibliotecas de algumas escolas públicas no Bairro do Morro Doce – região de Pirituba – para elencar quais os livros de literatura negra encontraríamos para o desenvolvimento do trabalho com as crianças na escola. Encontramos diversas obras literárias que abordavam a temática com personagens negros a que, ao longo e durante estes 6 anos de trabalho vem sendo desenvolvido.

Atualmente, uma vez por mês, nas duas escolas da RME/SP – Rede Municipal de Ensino de São Paulo – em que trabalho na região de Pirituba, escolhemos uma literatura negra infanto-juvenil para fazermos a leitura e discutirmos a relevância dos aprendizados em nossos contextos. Logo após, perpassamos por rodas de conversa e de votação individual de cada uma das crianças do grupo para sabermos em plenária, qual a personagem da história literária a que realizamos a leitura iremos representar numa produção arte identidade relativa à obra escolhida. Geralmente, desenvolvemos esta arte com desenhos em grande dimensão na qual configura extensões dentre um metro a um metro e meio entre altura e ou comprimento – não apresentam medidas regulares.

Utilizamos para as representatividades nas artes identidades os seguintes recursos que estavam disponíveis para as obras na escola: Kraft, giz de cera, canetinhas, guache, papelão, toalha de papel, pincéis, argila preta, argila e cola branca, a lã, retalhos de tecidos, cola quente, crepom, tesouras, etc. Fizemos o uso ainda de materiais inusitados nos inspirando nas ideias de Vik Muniz com elementos como chocolate, açúcar, macarrão, borra de café, mel, feijão, pimenta, gergelim preto...

Encontramos determinadas obras nas estantes de algumas escolas a que já foram trabalhadas com as crianças trazendo e possibilitando passagens significativas para a compreensão tanto na questão da identificação e do auto pertencimento das crianças com relação à etnia – reconhecendo e afirmando em seus discursos nas rodas de conversa, narrativas como “Eu sou negro/a”; “Minha mãe/Meu pai é negra (o)” ou ainda “Minha pele é marrom/preta” etc. – quanto na questão do respeito, tolerância e tratamento com relação ao outro que é diferente e cultura práticas habituais diversas às delas. As obras trabalhadas foram “Meninas Negras” com autoria de Madu Costa; “Escola de Chuva” com autoria de James Rumford; “O Cabelo de Lelê” com autoria de Valéria Belém; “Menina Bonita do Laço de Fita” com autoria de Ana Maria Machado; “Amora” com autoria de Maria Cilene Lucas Vieira; “Cinderela e Chico Rei” com autoria de Christina Agostinho e Ronaldo Simões; “A Princesa e a Ervilha” com autoria de Rachel Isadora; “O Mundo do Black Power de Tayó” com autoria de Kiussan de Oliveira e “Bruna e a Galinha D’Angola” com autoria de Gercilga d’Almeida.

Outros livros encontrados e que ainda serão trabalhados nas escolas foram “Olhe para Mim” com autoria de Ed Frank e Kris Nauwelaerts; “Minha Mãe é Negra Sim” com autoria de Patrícia Santana; “Obax” com autoria de André Neves; “Que Cor é a Minha Cor?” com autoria de Martha Rodrigues; “Chuva de Manga” com autoria de James Rumford; “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” com autoria de Carolina Maria de Jesus; “As Panquecas de

Mama Panya” com autoria de Mary e Rich Chamberlin; “Gosto de África: Histórias de Lá e Daqui” com autoria de Joel Rufino dos Santos; “Esperando a Chuva” com autoria de Veronique Vernet; “As Tranças de Bintou” com autoria de Sylviane A. Diouf; “De Grão em Grão, o Sucesso Vem na Mão” com autoria de Katle Smith Milway; “A Jornada do Pequeno Senhor Tartaruga” com autoria de Inge Bergh e Inge Misschaert e “Amoras” com autoria de Emicida.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da ação de se trabalhar com a literatura negra na escola – em sala de aula e com a comunidade – e posteriormente produzir arte identidade em telas arte com imagens representando as pessoas negras e seus descendentes com diversos tipos de recursos materiais, houve a percepção de que muitas pessoas se autorreconheceram e ou reconheceram alguém próximo aos seus familiares e ou amigos nas produções. Foi o caso do entregador de merenda na EMEI do CEU Perus, por exemplo, a que solicitara na secretaria da escola para me chamar para dizer o quanto era valorativo o trabalho e que uma das meninas negras ali representadas parecia com uma pessoa da sua família. Também no CEU Perus, o depoimento da senhora Adriana, funcionária na escola há mais de 12 anos a que me narrara que “durante todo o tempo em que trabalhei aqui, nunca tinha visto uma coisa parecida com esta”. Na oficina desenvolvida com os educadores no CEU Anhanguera ficou evidenciada também, após a explanação acerca da problematização das questões sociais étnicas cotidianas com educandos e educadores e acerca da valorização da pessoa negra e afrodescendente dentro da escola, a necessidade de abordarmos cada vez mais essa temática com a intencionalidade de que as pessoas como um todo se percebam pertencentes e valorizados nos diversos contextos, oportunizando assim contemplar as percepções das identidades dos educandos e educadores inseridos no contexto escolar.

A valorização do trabalho com as obras produzidas com a “Arte Identidade e Literatura Negra” com as crianças da Educação Infantil como um todo, também foi percebida pelas devolutivas de muitos educadores do entorno como foi o caso da equipe do programa institucional Fab Lab Livre SP – Morro Doce. Em reunião com a equipe, nos possibilitara um projeto de parceria para o molduramento das telas possibilitando assim, a preservação de suas originalidades e a partir de então, oportunizarmos exposições aos diversos espaços culturais e educativos da cidade de São Paulo com a intencionalidade de que as pessoas negras e as que descendem de – africanas/afro-brasileiras se percebam visibilizadas, representadas e valorizadas nos espaços da escola e sociedade. A Comunidade Cultural Quilombaque se apresentou como parceira também no fomento à realização do molduramento das telas para exposição pela Cidade de São Paulo. Tivemos ainda a presença dos alunos da Imprensa Jovem do CEU EMEF Parque Anhanguera fizeram matéria de cobertura sobre o acontecimento/desenvolvimento de algumas telas. O setor de Comunicação da SME mostrou interesse em reportar esse nosso trabalho no Portal da Prefeitura de São Paulo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio às passagens vivenciadas tanto com as apresentações das literaturas negras, como nas produções e exposição das artes identidade nas escolas elaboradas com as crianças, educadores e comunidade, evidenciou-se o quanto as pessoas em geral se identificaram e ou identificaram outras pessoas nas obras. Percebemos por meio da reação e observação das pessoas diante das obras trabalhadas na escola, a relevância e a importância dessa temática a ser retratada, pois por meio deste trabalho, foi possível refletir, debater e problematizar questões sociais étnicas cotidianas percebidas dentro e fora do contexto escolar.

Oportunizamos ainda por meio destas nossas ações a valorização da pessoa negra buscando referenciais nos (afro/descend)entes antepassados e atuais, propiciando contemplar as percepções das identidades das crianças, familiares e educadores em nosso contexto escolar/social, bem como nas literaturas pesquisadas nas escolas. Este trabalho “Arte Identidade e Literatura Negra” desenvolvido com as crianças nas escolas foi alvo de interesse e discussão com a equipe do Fab Lab Livre SP e da Comunidade Cultural Quilombaque para que as obras de arte produzidas com as crianças em suas dimensões originais sejam molduradas e expostas pelos diversos espaços culturais e educativos de São Paulo. O acervo é parte do histórico educacional e cultural da comunidade do Morro Doce sendo a gestão geral do CEU Parque Anhanguera guardiã das obras de arte identidade inspiradas e produzidas pós-literaturas negras.

**Palavras-chave:** Arte identidade; Literatura negra; Relações étnico-raciais; Educação; Direitos humanos

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Contribuições para a Implementação da Lei n. 10.639/2003: Proposta de Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: Grupo de Trabalho Interministerial/Ministério da Educação, 2008.

SME/SP, SMDHCSP. **Respeitar é preciso.** São Paulo, 2014/2015. Disponível em: <https://respeitarepreciso.org.br/sobre-o-projeto-respeitar-e-preciso/> Acesso em: 16 mar. 2016.

MUNIZ, Vik. **Reflex: Vik Muniz de A a Z.** São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2009.